

A formação socioespacial de Florianópolis e a atividade artesanal da renda de bilros

Resumo

Florianópolis, capital catarinense, tem sua formação socioespacial atrelada à chegada dos europeus ao continente americano, desenvolvendo-se mais precisamente a partir do século XVI, quando embarcações que demandavam à Baía do Prata (cuja desembocadura localiza-se no atual Paraguai) aportavam na Ilha de Santa Catarina para abastecerem-se de água e víveres. A cidade tornou-se território estratégico para apoiar a vanguarda portuguesa localizada no Prata, junto à colônia de Sacramento e assegurar, sob domínio português, o Brasil Meridional. Essa situação teve como consequência a necessidade de povoamento do referido território, objetivando a consolidação do poder da Coroa Portuguesa. No último quarto do século XVI, a ilha começa efetivamente a ser povoada, recebendo fluxo de imigrantes vicentistas e paulistas. Entretanto, em meados do século seguinte, esse fluxo migratório inicial regrediu, tendo permanecido na ilha pouco mais de uma centena de europeus. Posteriormente, a ilha de Florianópolis recebe um segundo fluxo migratório diferenciado, imprimindo um dinamismo socioeconômico e uma organização regional bastante peculiar. Assim, as reflexões aqui apresentadas contêm elementos para uma melhor compreensão da evolução histórica da formação socioespacial de Florianópolis e região. Esse enfoque procura contemplar as múltiplas determinações de ordem natural, social, econômica e cultural, responsáveis pela singularidade dessa formação regional e que serão de fundamental importância para o desenvolvimento e a permanência de uma das mais tradicionais atividades artesanais da região, a renda de bilros.

Palavras-chave: Evolução Social. Colonização Portuguesa. Florianópolis, SC. Rendas de Bilros.

Para citar este artigo:

BASTOS, José Messias; MACHADO, Edson de Moraes; DOMINGOS, Karine. A formação socioespacial de Florianópolis e a atividade artesanal da renda de bilros. Revista PerCursos, Florianópolis, v. 19, n.41, p. 289 - 307, set./dez. 2018.

DOI: 10.5965/1984724619412018289

<http://dx.doi.org/10.5965/1984724619412018289>

José Messias Bastos

Doutor em Geografia pela
Universidade de São Paulo – USP.
Professor da Universidade Federal
de Santa Catarina - UFSC.
Brasil
jbastos57@gmail.com

Edson de Moraes Machado

Mestre em Geografia pela
Universidade Federal de Santa
Catarina – UFSC.
Doutorando em Geografia na
UFSC.
Brasil
edsonmachado1988@hotmail.com

Karine Domingos

Graduada em Geografia pela
Universidade Federal de Santa
Catarina – UFSC.
Brasil
karinedomingos1@gmail.com

The socio-spatial formation of Florianópolis and the artisanal activity of the lace de bilro's

Abstract

Florianópolis, capital of Santa Catarina, has its socio-spatial formation related to the arrival of Europeans into the American continent, developing it more precisely from the 16th century on, when ships that were on the way to Rio da Prata's basin used to dock in Santa Catarina's island to obtain supplies such as water and food. The city became a strategic territory to support the Portuguese vanguard located in the Prata's river, next to Colonia do Sacramento, and ensure, under Portuguese domain, the southern region of Brazil. In the last quarter of the 16th century, the island starts getting effectively populated, receiving migrants from São Vicente and São Paulo. However, in the mid-17th century this flow of migrants started going backwards, remaining only a few hundred Europeans. Afterwards, Florianópolis received a second migratory influx, printing in it a socioeconomic dynamism and a very peculiar regional organization. Therefore, reflections shown here contain elements for a better comprehension of the historical evolution of Florianópolis' socio-spatial formation. This emphasis aims to contemplate the several determinations, naturally, socially, economically and culturally related, responsible for the development and continuity of one of the most traditional handcrafting activities of the region.

Keywords: Social Evolution. Portuguese Colonization. Florianópolis, SC. Bilro's Lace.

1 Introdução

O objetivo deste artigo é apresentar uma abordagem sobre a trajetória e a consequente formação social e espacial do território no qual se desenvolveu a referida atividade, buscando descrever os fatores econômicos, sociais e naturais que influenciaram a prática de renda de bilro nos diferentes momentos históricos da capital catarinense.

A metodologia engloba pesquisa etnográfica, além de uma revisão da bibliografia disponível sobre o tema. Foi realizada também coleta de dados através de observação participante, sendo que as declarações das mulheres rendeiras foram tidas como evidências sobre o acontecimento, baseando-se assim na credibilidade dos informantes. Tanto declarações dirigidas, quanto espontâneas foram tomadas como observações da pesquisa, tal como orienta Becker (1997). Essa coleta de dados foi sendo realizada ao longo do processo de capacitação das rendeiras de bilros propiciado pelo Projeto Ilha Rendada, com mais de cem mulheres, no qual um dos autores atuou como tutor, e que ocorreu nos fins de 2014 até meados de 2015 em cinco polos de comunidades distintas de Florianópolis: Pântano do Sul, Lagoa da Conceição, Rio Vermelho, Ponta das Canas e Sambaqui.

Na atual e singularmente duradoura fase depressiva da economia mundial, aberta com a chamada “Crise do Petróleo” em 1973, ocorreu surpreendentemente aprofundamento da divisão internacional do trabalho com ampliação dos fluxos de capitais e mercadorias entre as nações. Nessa nova conjuntura, o capitalismo atingiu um novo estágio, tendo como consequência a difusão do consumo em massa, uniformizando a aquisição de mercadorias nos diferentes continentes.

Diante desse cenário, em diversas ocasiões, um conjunto de pessoas busca um consumo diferente, mais individualizado, representando um nicho de mercado, que insere ao consumo de mercadorias outras finalidades além do próprio ato de consumir, podendo ser sociais ou culturais. O principal exemplo deste nicho de mercado é a atividade artesanal, como é o caso da renda de bilro, atividade característica de Florianópolis (SC).

Cabe lembrar que o consumo se tornou essencial para o atual estilo de vida das pessoas, todavia em diversas situações o consumo também é realizado na busca de satisfação pessoal, em que o processo se dá assegurado pelas suas subjetividades privatizadas. Nesse meio, passa a predominar a ideologia que considera a otimização do capital físico-econômico e do capital humano como solução para atingir a competitividade e a sustentabilidade. Essa ideologia traz como consequência a exclusão social, o aumento da desigualdade de renda e as dificuldades crescentes para os que não se enquadram no atual estágio do sistema capitalista. Essa distribuição desigual de renda acaba por dificultar o desenvolvimento econômico e humano: cabe então, às políticas públicas, criar e incentivar iniciativas que visam a melhoria de padrões de qualidade de vida.

O Brasil demonstrou ser um dos países que tem a maior desigualdade de renda do continente latino-americano e do mundo (Gasparini, 2003). Todavia, em anos recentes, particularmente a partir de 2001, o país conseguiu diminuir a desigualdade para os níveis mais baixos dos últimos quase quarenta anos, notadamente em 1976, quando as séries da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) puderam ser na prática processadas (Neri, 2005, 2006; Ferreira, Leite e Litchfield, 2006; e, mais detalhadamente, Ipea, 2006). Entretanto, ainda ocupa lugar de destaque nos *rankings* das estatísticas internacionais de países com maior desigualdade de renda.

A diminuição da desigualdade brasileira, em parte, é resultado de políticas sociais (como o lançamento do Programa Bolsa Família, reajustes do salário mínimo, entre outras) e de políticas públicas (como mudanças de regime macroeconômico: controle e metas inflacionárias, responsabilidade fiscal, etc.). Considerando esse fator, em 2004 o Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior lançou o Programa do Artesanato Brasileiro, entendendo que: “o artesanato brasileiro é um segmento da economia cujo crescimento possui alto potencial de geração de trabalho e renda, de maneira descentralizada” (Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio, 2004, p. 25). De acordo com o programa, a comercialização do produto artesanal (que engloba o manejo da matéria-prima, a produção, a divulgação e a comercialização tanto na importação quanto na exportação) exige ações governamentais, considerando que o

artesanato, além da contribuição para geração ou complementação de renda, também preserva as culturas locais, regionais e nacionais. Essas ações governamentais devem ter como objetivo final um aumento do nível de bem-estar social que depende, objetiva e subjetivamente, da redução da desigualdade social e uma consequente estabilidade econômica.

Diante da realidade acima exposta, torna-se necessário analisar a origem, desenvolvimento e permanência de uma das atividades artesanais mais características de Florianópolis (SC), que é a renda de bilros, a qual foi, e ainda é responsável pela geração de dividendos para diversas famílias florianopolitanas, para que então possa se chegar a uma compreensão mais ampla da realidade na qual essa atividade está inserida.

2 A formação social e espacial da capital catarinense

A ocupação do território brasileiro efetivou-se com a implantação do sistema de Capitânicas Hereditárias e doação de sesmarias. Essa política rendeu ao Brasil vastos latifúndios voltados à produção de produtos tropicais para exportação visando abastecer o mercado europeu (PEREIRA, 2011, p. 14.). As características singulares da população nativa da América exigiram que internamente se estruturassem relações escravistas de produção. Assim, de uma forma geral, a implantação dos latifúndios e as relações escravistas na região tropical brasileira impossibilitaram a transformação dos trabalhadores em produtores independentes. O Sul do Brasil, sendo região temperada e não podendo oferecer em grandes quantidades produtos diferentes do que se podia desenvolver na região temperada da Europa, despertou pouco interesse econômico e de exploração. Pereira (2011) comenta que o atraso e a desvinculação do circuito comercial de interesse das áreas temperadas europeias foram decisivos para impor um caráter distinto à formação socioespacial do Sul do Brasil, e consequentemente, de Florianópolis.

O Sul do país tem sua gênese socioespacial intrinsecamente ligada à preocupação de Portugal em fixar as fronteiras meridionais do território colonial, ameaçadas constantemente pela Coroa Espanhola. Entre as primeiras providências tomadas pela Coroa, esteve o incentivo ao avanço de uma parcela dos habitantes da capitania de São

Vicente a moverem-se rumo ao sul. A concretização dessas providências dará origem às sesmarias e, conseqüentemente, às primeiras fazendas de lavouras ao longo do litoral sul do Brasil. Essa primeira etapa da formação do território sulino caracteriza-se por um povoamento esparso e de baixa densidade demográfica. É nesse contexto que serão fundadas as cidades de São Francisco (1658), Desterro (1673) e Laguna (1676). Percebe-se que as cidades vão sendo fundadas em uma constante linha de tempo, consolidando a expansão portuguesa cada vez mais ao sul do continente, a tal ponto que em 1680, com a fundação da Colônia do Sacramento na foz do rio Prata e, muito além do tratado de Tordesilhas, Portugal alcança seu objetivo final, demarcando território na estratégica região e agravando com isso, as disputas territoriais entre o referido país e a Coroa Espanhola.

Nesse permanente estado de guerra territorial entre Espanha e Portugal, a cidade de Florianópolis vai ganhar destaque em consequência de suas especificidades naturais e geográficas. Assim, sendo considerada estratégica para os fins anteriormente descritos, a atual ilha de Florianópolis tornou-se alvo de claro objetivo político com a efetiva ocupação de seu território. Tal fato não havia sido concretizado, pois a primeira leva de imigrantes vicentistas era reduzida em número e esparsa ao longo do litoral. Tinha-se como prioridade, também, a criação de um sistema de defesa.

A partir de meados do século XVIII, iniciou-se um efetivo planejamento sistemático socioespacial do território de Florianópolis e de suas redondezas. A exemplo, tem-se a construção das fortificações em pontos estratégicos, tanto na parte insular como continental. Todavia, aliada às construções das fortificações que serviam de apoio logístico e militar do Brasil Meridional, tornou-se necessário um contingente populacional que as guarnecesse e ocupasse seu entorno, além de cultivar a terra, considerada naturalmente fértil, com abundância de peixes e outros víveres, propiciando alimento e utensílios necessários, sem gerar grandes despesas à empreitada portuguesa. Segundo Mamigonian (1997), suprir essas necessidades foi a maior intervenção do planejamento estatal português no sul do Brasil, tanto em nível geopolítico, como geoeconômico.

São os fatores acima expostos que explicarão um segundo fluxo migratório intensivo e precoce, perante o restante do território brasileiro, para a referida região,

abrangendo ainda partes do litoral catarinense e do estado do Rio Grande do Sul. Esse segundo fluxo era oriundo do Arquipélago dos Açores, localizado em pleno oceano Atlântico. Com a descoberta do caminho marítimo para a Índia, passa a ser ponto de paragem obrigatória das naus que faziam a viagem de regresso. Esse acontecimento confere às ilhas do arquipélago uma grande importância estratégica, contribuindo em larga escala para seu desenvolvimento social e econômico (CARUSO, 2000, p. 100). Caso semelhante aplicava-se à ilha de Santa Catarina, que apoiava a ocupação do Paraguai, Buenos Aires, Colônia de Sacramento e a passagem para o Oceano Pacífico através do Estreito de Magalhães.

Assim sendo, considerando as especificidades existentes no Arquipélago dos Açores (também sob o domínio português), como o excesso de contingente e a necessidade de povoamento do Brasil Meridional, tem-se início, no ano de 1748, a imigração açoriana para a ilha de Santa Catarina. Durante os oito anos seguintes, seis mil imigrantes açorianos foram enviados ao Sul do Brasil.

Esse movimento migratório vai consolidar uma sociedade de características singulares, pois, em vez do latifúndio, implanta-se a pequena propriedade; no lugar do escravo africano, é trazido o colono branco e, finalmente, ao contrário de uma agricultura tropical de exportação, os imigrantes açorianos vão desenvolver uma variada economia familiar de subsistência (CARUSO, 2000, p. 102). Essas especificidades vão resultar na proliferação de algumas tradições trazidas pelos açorianos, pois em vez de trabalhar em grandes plantações voltadas à exportação, o colono irá se dedicar a uma agricultura de subsistência, possibilitando realizar novas empreitadas, como a utilização de novos métodos de pesca (a rede de arrasto e a tarrafa) para os homens e a confecção de peças artesanais para as mulheres. Entre as peças artesanais desenvolvidas pelas mulheres, destacou-se a renda de bilros, utilizada para a confecção de toalhas de mesa, cortinas, lençóis, peças de vestuário, além da possibilidade de enfeitar trajes, alfaias da igreja e peças do vestuário da nobreza. Posteriormente, durante séculos, a confecção da renda de bilros seria utilizada para reforçar o orçamento familiar. Essa tradição, segundo alguns pesquisadores, surgiu na Bélgica, no século XV, espalhando-se pela Europa (essencialmente Itália, França e Portugal), tendo alcançado o arquipélago dos Açores e

incorporando-se à cultura local. Assim, com a transferência de uma parcela dessa população à ilha de Santa Catarina, a referida tradição veio ganhar uma nova conjuntura.

Distante de mercados dinâmicos, a região onde se estabeleceram os açorianos só realizou a comercialização de pequenos excedentes de produtos de fabricação rudimentar como a farinha, a aguardente, o peixe e o artesanato, sendo estes vendidos ou trocados nos mercados da região. O fato de Florianópolis servir como apoio logístico aumentava o trânsito de navios e impulsionava o desenvolvimento de uma pequena produção mercantil.

Aliado aos interesses geopolíticos portugueses, outro fato veio impulsionar o desenvolvimento socioeconômico da ilha de Santa Catarina: o estabelecimento de diversas “armações” para a pesca da baleia e a exportação do óleo desses animais para a Europa (Inglaterra, Holanda, Alemanha, etc.). Essa atividade tornou-se uma alternativa lucrativa no Brasil Meridional, área de recursos ociosos.

Embora a empreitada portuguesa no Brasil Meridional tenha prosperado em vários ângulos, não se podia comparar com a opulência apresentada nas Capitâneas mais prósperas. As exigências impostas aos açorianos pela Coroa Portuguesa limitavam as possibilidades de acumulação e, conseqüentemente, os impossibilitou de se tornarem empresários capitalistas. Entre essas exigências, podem-se citar as constantes requisições, sobretudo de soldados e de farinha, advindas das milícias e dos setores administrativos (PEREIRA, 2011). Embora os açorianos tenham desenvolvido uma pequena produção mercantil, essas especificidades não permitiram o desenvolvimento de relações capitalistas, permanecendo por longos anos nas áreas de colonização açoriana, incluindo a ilha de Santa Catarina. Assim, percebe-se que uma série de fatores ocorreu para que a região de colonização açoriana não enriquecesse; ao contrário, a partir do século XIX, há um empobrecimento na região. Além dos fatores já descritos que dificultavam uma acumulação de riquezas e o desenvolvimento das relações capitalistas, podem-se acrescentar outros elementos característicos da formação socioespacial açoriana, tais como, a fragmentação excessiva dos pequenos lotes por herança, a redução da mão de obra produtiva provocada pelo recrutamento dos açorianos para as

milícias, o esgotamento do solo arenoso, assim como o espírito de camaradagem vigente entre os agricultores, pescadores e artesãos (BASTOS, 2000, p. 131).

A partir da segunda década do século XIX e perdurando até o século XX, o interior do sul do Brasil passa a ser o foco de atenção, recebendo imigrantes europeus (alemães, italianos e eslavos, em sua maior parcela) que imprimiram grande dinamismo econômico, superando rapidamente o estágio agrícola e chegando à industrialização. Fato que não ocorreu nas áreas de colonização açoriana em consequência de diversas especificidades, entre elas o reduzido desenvolvimento técnico-científico dos açorianos ao migrarem para o Brasil (séc. XVIII), contrastando com o avançado estágio do capitalismo manufatureiro engendrado nos países europeus de origem dos imigrantes que foram se instalar no interior do estado (Alemanha, Itália, Polônia, etc.). O desenvolvimento econômico do interior fez com que a capital catarinense permanecesse com a função comercial de praça importadora e intimamente ligada às atividades portuárias até meados dos anos 30. Esse período é marcado por uma decadência econômica que só será superada após a Revolução de 1930, quando os estímulos à industrialização permitiram a superação das relações pré-capitalistas de produção, fato que irá resultar em uma nova ordem socioeconômica e espacial.

Esse breve resumo nos fornece a base para entender as características únicas na quais se deu o desenvolvimento, a permanência e a atual conjuntura da atividade artesanal da renda de bilros em Florianópolis. Ou seja, as imposições as quais estiveram submetidos os imigrantes açorianos caracterizaram uma vivência de subsistência, mantendo por um longo período relações pré-capitalistas. Desvinculados de grandes mercados e fora da área de produção para exportação de produtos tropicais, e aliado à série de imposições oriundas da Coroa Portuguesa, as relações pré-capitalistas e de subsistência permitiram o desenvolvimento e a permanência de diversas atividades artesanais como forma de complementação de renda e fonte de alimentos. Entre os homens está a pesca através da rede de arrasto e a tarrafa, e, entre as mulheres, a renda de Bilro.

Essas duas atividades vão se desenvolver em um grande espírito de camaradagem ao longo das comunidades mais tradicionais da ilha (Lagoa da Conceição, Pântano do Sul,

Ponta das Canas, Sambaqui, etc.). Assim, a união dos homens para poderem realizar a pesca da rede de arrasto, somado às confecções das tarrafas e das redes, por longo período de tempo, possibilitou a reunião de suas mulheres e filhas em grandes círculos onde passavam longos períodos confeccionando as rendas de bilros, fato que dará origem a uma das frases mais características da ilha sobre a respectiva atividade artesanal “onde há rede, há renda!”. Essa tradição, que se perpetuou ao longo das gerações, vai dar origem a um importante capital social presente ainda hoje.

O fato de Florianópolis estar intimamente ligada à atividade portuária desde sua gênese, permanecendo como a grande praça importadora do estado até a década de 30 do século passado, possibilitou o desenvolvimento e a permanência de relações comerciais em especial no centro da cidade. Ao longo de suas ruas e posteriormente, no próprio mercado público, era possível encontrar uma gama de produtos que iam desde pescados, farinha de mandioca, frutas, etc. e até mesmo a renda de bilros. A antiga ASSORI (Associação das Rendeiras), localizada na cabeceira da Ponte Hercílio Luz, desde meados do século passado, era onde possivelmente se encontrava a maior oferta de produtos oriundos da renda de bilros de toda a cidade de Florianópolis.

Como a atividade artesanal da renda de bilros se desenvolveu em especial nas regiões mais tradicionais de Florianópolis, estrategicamente impostas pela Coroa Portuguesa, e conseqüentemente esparsas entre si, ficando distante da grande praça comercial da cidade e do estado, a dificuldade de disponibilização das rendas no mercado se tornou um dos maiores empecilhos. Nesse meio, o espírito de camaradagem característico do açoriano, e as dificuldades de comercialização da renda de bilros darão espaço a uma não valorização do produto confeccionado. Desvalorização esta, acentuada pelos novos costumes e imposições do estilo de vida da atual geração (como a necessidade de maior praticidade).

Diante da conjuntura acima exposta, algumas soluções se materializam, entre elas o papel das “compradeiras”, assim era denominado as pessoas que assumiam a liderança comprando as rendas e as revendendo no comércio do centro da cidade. Essa atitude possibilitou a permanência de tal arte mantendo-a como importante complemento da renda familiar (praticada muitas vezes por todas as mulheres de uma mesma família,

incluindo crianças a partir dos sete, oito anos de idade), pois os poucos recursos disponíveis aos imigrantes açorianos e as escassas inovações tecnológicas, não permitiram o desenvolvimento de atividades muito distintas além da pesca e da renda.

Como já mencionado, em detrimento da riqueza produzida no interior, Florianópolis fica reduzida à função administrativa de capital, entrando num período de decadência que perdura até meados do século XX. Principalmente entre as décadas de 30 a 60, com os estímulos à industrialização, acelera-se o processo de substituição de relações pré-capitalistas de produção, o que acaba por impor uma nova ordem socioeconômica e espacial, em que os diferentes lugares e regiões irão reagir de forma contraditória, alguns aderindo e se adaptando rapidamente a nova conjuntura, outros resistindo. Nesse processo, Florianópolis irá passar por profundas transformações, evidenciando-se a vocação turística da cidade (sendo implantados diversos hotéis, pousadas, *resort*, etc. em toda a cidade) por um lado, e aderindo a importantes projetos de desenvolvimento científico, tecnológico e econômico (construção da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, sendo a sede de empresas como a CELESC, ELETROBRÁS, TELESC, etc.) por outro lado, o que vai implicar na expansão urbana da cidade. Tais ações terão como consequência uma grande transição econômica e social, vivenciada pelas populações do interior da ilha, que se caracterizaram pela desarticulação das formas tradicionais de produção, pressionando e, ao mesmo tempo, possibilitando a obtenção de ingressos que aumentassem a renda familiar.

As modificações introduzidas na ilha de Santa Catarina, em especial por ocasião do turismo, vão possibilitar que a mulher atenda à pressão para o aumento da renda familiar; neste contexto, a renda de bilros acaba por ganhar destaque. Isso se deve a algumas especificidades, entre elas o fato de as artesãs produtoras de renda de bilros (bem como os artesãos em geral) serem donas dos meios de produção e, por diversas vezes, produziam os próprios instrumentos de trabalho (confeccionam a almofada de apoio, os piques, os bilros, e por vezes a coleta de espinhos, na falta de alfinetes). Cabe lembrar que a maior acessibilidade às mercadorias e o aumento da divisão do trabalho vem, aos poucos, suprimindo esta última característica dos artesãos. Assim, sendo donas dos meios de produção, era possível estender a atividade para outros membros da família, em

geral meninas a partir dos seis, sete anos de idade, o que possibilitava a reprodução social da família e o complemento de dividendos. Surgem, nesse período (meados do século passado), importantes centros de vendas, como a Avenida de Rendeiras na Lagoa da Conceição, além da implantação de pontos de venda de renda de bilros nas praias mais movimentadas de Florianópolis. Nesse cenário, o papel da “compradeiras” irá se acentuar. Todavia, os mesmos fatores que irão possibilitar um determinado incentivo à produção de renda de bilros, também serão responsáveis por fazê-la quase que desaparecer, não sendo atrativa para as novas gerações que acabam por mostrar pouco ou nenhum interesse em aprender tal arte.

O fato acima referido é uma consequência do gradativo assalariamento que passa a ocorrer em Florianópolis. O turismo e a expansão urbana criaram diferentes possibilidades que permitiam às mulheres que se engajassem em atividades relacionadas à hotelaria (camareira, restaurante, serviços de cozinha, lavanderia, serviços de limpeza em geral) ou em casas de veraneio. Assim, o verão se tornou a estação em que uma parte das mulheres estende suas atividades para fora de casa, recebendo um salário, em geral, superior ao mínimo e maior do que o adquirido com a venda da renda de bilros. Diante disso, a referida atividade foi aos poucos sendo abandonada pela maior parcela das mulheres, tendo seguido o mesmo caminho suas filhas e netas. Fora da estação, algumas outras tarefas podiam e podem permitir um pequeno salário, bem abaixo do salário mínimo: cuidar de casas fechadas, limpar quintais e lavagem de roupas são algumas das tarefas (BECK *et. al* 1983).

Em resumo, a desarticulação das atividades tradicionais com a migração dos homens para outros ramos, quando muitos saem da pesca artesanal e começam a trabalhar como pedreiros, carpinteiros, jardineiros, com pesca industrial, etc. aliada à diminuição gradativa das “terras de uso comum”, consequência da expansão urbana, obriga a mulher a aumentar sua participação na economia da família. Em um primeiro momento, a renda de bilros vai ser vista como a saída para tal problema; todavia, com o passar dos anos, o processo de expansão urbana passou a incorporar o contingente feminino da força de trabalho que, até então, teria permanecido fora do mercado. A referida pressão para o aumento nos dividendos familiares vai ocasionar um baixo preço

e a conseqüente diminuição do lucro da renda de bilros em relação à matéria-prima e a hora-trabalho. Diante desse cenário e da possibilidade de ganhos maiores e mais garantidos com o assalariamento, a renda de bilros vai sendo deixada de lado. As longas jornadas de trabalho fora de casa impossibilitam a mulher a dedicar-se à atividade rendeira, como também transmitir este conhecimento às suas filhas, pois esta muita das vezes assume o papel da mãe nos afazeres domésticos aliado ao compromisso com as atividades escolares.

O próprio papel da educação escolar, facilitado pelo aumento das unidades escolares na conjuntura do crescimento urbano de Florianópolis, trará maior acesso ao ensino e, posteriormente, facilidade de entrar em um crescente mercado de trabalho (que passa a incorporar o contingente feminino). Tal realidade fez com que as rendeiras incentivassem suas filhas a dedicar maior tempo aos estudos para então conseguirem um emprego fora de casa, ao invés de produzir renda de bilros. Esta realidade é evidenciada pelo fato que as rendeiras que hoje atuam em Florianópolis estão na terceira idade, sendo que a grande maioria possui escolaridade equivalente ao ensino fundamental I (1ª a 4ª série) ou mesmo não foram alfabetizadas, enquanto que suas filhas e netas possuem ensino médio ou ensino superior.

É importante destacar que, até então, as mulheres que não se dedicavam à produção da renda de bilros eram marginalizadas na sociedade, contrariando os padrões adequados à conduta feminina da época. A menina que não fazia renda de bilro não contribuía com o orçamento familiar e não era considerada dedicada ou “trabalhadeira”, ficando desocupada e indo brincar fora de casa, andando pelas ruas, brincando com os meninos, etc. era considerada “assanhada”. O comum era horas de dedicação à atividade já desde criança, sendo impostos ainda, em algumas ocasiões, castigos físicos (como bater com uma régua nos dedos). Tal realidade transformou a renda de bilros em um mero instrumento de aumento de dividendos, fazendo com que se transmitisse algo negativo no ato de produzir, e não uma atividade prazerosa e de lazer como se tem buscado enfatizar nesta nova geração.

3 A atual conjuntura da prática da renda de bilros

A renda de bilros aos fins do século passado e início deste vai praticamente desaparecer do contexto dos ilhéus. Entretanto, as antigas rendeiras, ao atingirem a terceira idade e, em sua maior parcela, já aposentadas, acabam por redescobrir a renda de bilros como uma atividade de lazer, capaz de resgatar o companheirismo e a amizade característicos dos açorianos. As longas tardes que ficavam a render e a conversar em círculo voltam a acontecer, resgatando sua autoestima e auxiliando no tratamento de doenças como a depressão. Cabe salientar que algumas dessas atuais rendeiras nunca pararam de produzir; outras acabaram por engajar-se no mercado de trabalho (domésticas, enfermeiras, auxiliares de serviços gerais, camareiras, etc.) e, ao se aposentarem, voltam a praticar a atividade artesanal. Essa redescoberta vai encontrar apoio em algumas políticas públicas e em alguns locais que se tornam pontos de encontros (como o Casarão do Sambaqui, a Casa das Rendeiras no Pântano do Sul, o Casarão da Lagoa, a Associação dos idosos em Ponta das Canas, etc.). Todavia, no referido estágio da vida, uma nova realidade insere-se na vida das mulheres rendeiras. Apesar de aposentadas, a maioria delas possui renda familiar em torno de um salário mínimo e, em não raros casos, elas se tornam responsáveis pela educação e sustentos dos netos e mesmo de alguns filhos (desempregados, estudantes, etc.), tendo suas aposentadorias como única renda fixa, isso em um período da vida em que os gastos com saúde tendem a consumir a maior parcela do orçamento familiar. Assim, em diversos casos, muitas dessas mulheres são pressionadas a buscar alternativas para aumentar o orçamento doméstico.

Nessa conjuntura, a atividade artesanal da renda de bilros novamente passa a ser vista com um segmento da economia que possui um alto potencial de geração de trabalho e dividendos, de maneira descentralizada e conforme a disponibilidade de cada rendeira, e que também preserva a cultura local. Todavia, as longas décadas de desvalorização do produto, a redução de custos através da mecanização e o barateamento da mão de obra, tão característicos do sistema capitalista, acabam inibindo o pequeno produtor.

O consumo em massa, o neoliberalismo vivenciado a partir da década de 90, e que desencadeou as importações predatórias (introdução de rendas industriais importadas no mercado brasileiro com preços muito inferiores), entre outras diversas especificidades das rendeiras hoje existentes em Florianópolis, acabam impondo grandes dificuldades à comercialização deste produto. Quando acontece, de uma forma geral, essa comercialização é incapaz de oferecer lucros suficientes para a manutenção social da família dessas mulheres, o que inibe o interesse da nova geração pela atividade.

Para que se consiga uma melhora no nível de bem-estar social dessas mulheres rendeiras, através da redução da desigualdade social e de uma consequente estabilidade econômica, capaz inclusive de incentivar a nova geração a aprender e preservar essa importante cultura local, são necessárias ações governamentais e programas de auxílio e orientação (como o Programa do Artesanato Brasileiro, lançado em 2004 pelo Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio). Essas ações devem ter como objetivo o incentivo e a capacitação dessas mulheres rendeiras, bem como de suas filhas e netas, para se tornarem empreendedoras individuais capazes de se autogerir, ao mesmo tempo em que busquem alternativas mais justas para a comercialização de seus produtos.

4 Considerações finais

Na primeira parte do artigo buscou-se contextualizar a formação socioespacial de Florianópolis com a origem, o desenvolvimento e a permanência da arte da renda de bilros. Assim, foi possível perceber que, considerando as necessidades de povoamento do Brasil Meridional, teve início, no ano de 1748, a imigração açoriana para a ilha de Santa Catarina. Durante os oito anos seguintes, seis mil imigrantes açorianos foram enviados ao Sul do Brasil. Esse movimento migratório consolidou-se de forma característica, pois, a ocupação do território foi baseada em minifúndios, e por ser uma zona subtropical, não se investiu na agricultura extensiva direcionada à exportação, como ocorreu com a região tropical do país, dedicando-se o imigrante açoriano a uma agricultura inicialmente de subsistência.

Foram as características únicas na qual estiveram submetidos os açorianos na ilha de Santa Catarina que permitiram que estes se dedicassem a outras atividades, sendo a pesca através da rede de arrasto e a tarrafa e o cultivo da roça (especialmente mandioca) para os homens, e as atividades artesanais como a renda de bilros para as mulheres. Em um primeiro momento, a prática da renda de bilros era utilizada para uso próprio, na confecção de toalhas de mesa, cortinas, lençóis, peças de vestuário, etc. que compunham o enxoval das noivas ou mesmo para o uso cotidiano. Posteriormente, a prática acabou sendo aplicadas para enfeitar trajes, alfaias da igreja e peças do vestuário da nobreza, transformando durante séculos em uma maneira de reforçar o orçamento familiar.

A parte seguinte do artigo busca evidenciar que as mesmas características que permitiram aos açorianos se dedicarem a outras atividades, acabaram por impor uma duradoura permanência de relações pré-capitalistas e de subsistência, incluindo as atividades artesanais, tanto da pesca como da renda de bilros nas comunidades mais tradicionais da ilha, como na Lagoa da Conceição, Pântano do Sul, Ponta das Canas, Sambaqui, etc. Essas duas atividades acabaram sendo responsáveis por desenvolver e manter importante espírito de camaradagem, reunindo em círculos os homens, na confecção das redes de pescas e tarrafas, e suas mulheres e filhas, na confecção da renda de bilros, fato que dará origem a uma das frases mais características da ilha “onde há rede, há renda! ”. Esta tradição, que se perpetuou ao longo das gerações, deu origem a um importante Capital Social ainda presente.

A partir de meados do século passado, Florianópolis passa a enfrentar um acelerado processo de urbanização, em que a vocação turística da cidade é colocada em evidência, aumentando consideravelmente o número de turistas, residências de veraneios, comércio, instituições públicas, etc. Assim, a renda de bilros tem seu mercado consumidor ampliado, incentivando a participação da família na confecção dos produtos (em geral meninas a partir dos seis, sete anos de idade), nem sempre de forma espontânea. Todavia, os mesmos fatores que irão possibilitar um determinado incentivo à produção, também serão os responsáveis por fazê-la quase que desaparecer, não sendo atrativos para as novas gerações que acabam por mostrar pouco ou nenhum interesse em aprender a prática da renda de bilros. Junto à urbanização de Florianópolis, ocorre um

gradativo assalariamento, com a inserção das mulheres rendeiras em atividades relacionadas à hotelaria, no comércio ou em casas de veraneio.

Por fim, a última parte do artigo demonstra que a consequência da realidade há pouco descrita foi um afastamento da prática da renda de bilros, em que as mulheres rendeiras, diante de novas possibilidades, passaram a se inserir no mercado de trabalho e a incentivar suas filhas e netas a se assalariarem. Todavia, as antigas rendeiras ao atingirem a terceira idade, tendo garantida sua sobrevivência através da aposentadoria, acabam por redescobrir a renda de bilros como uma atividade de lazer, capaz de resgatar o companheirismo e a amizade característicos dos açorianos. Elas voltam a se reunir em pequenos grupos para rendar e passar as tardes conversando ou cantando “ratoeira”, resgatando sua autoestima e auxiliando em tratamentos de doenças como a depressão. Pontos de encontros vão sendo criados, como o Casarão do Sambaqui, a Casa das Rendeiras no Pântano do Sul, o Casarão da Lagoa, a Associação dos idosos em Ponta das Canas, etc. Entretanto, as consequências do longo prazo da alta exploração a que estiveram submetidos os açorianos, com a total ausência de políticas públicas que buscassem inserir essa população junto à sociedade, no mercado de trabalho, etc., resultou em um baixo nível de escolaridade, reduzida instrução e pouca acumulação de capital.

Ao atingirem a terceira idade, a aposentadoria, geralmente de um salário mínimo, não é o suficiente para garantir o sustento da rendeira, em uma faixa etária em que os gastos com saúde tendem a consumir a maior parcela do orçamento familiar. Soma-se a isso, o fato de muitas delas assumirem a criação de netos e mesmo alguns filhos ainda permanecem como dependentes. Novamente, a renda de bilros volta a exercer um papel de complementação do orçamento familiar. Porém, as longas décadas de desvalorização do produto, bem como as novas imposições do mercado, com a inserção da renda industrializada nacional e importada, tornam a atividade pouca lucrativa, não garantindo um nível adequado de qualidade de vida para as rendeiras, nem despertando interesse nas novas gerações em aprender a rendar.

Destaca-se que, diante de sua relevância histórica, é de fundamental importância o incentivo às novas gerações a aprenderem e a preservarem essa importante cultura local.

Ações governamentais, com programas de auxílio, orientação e valorização do capital humano empreendidos na fabricação das rendas de bilros, devem ser direcionadas a tornarem as rendeiras empreendedoras individuais capazes de se autogerir e buscar novas alternativas para a valorização e comercialização da renda de bilros, novos usos, etc. Somente assim será possível uma melhora no nível de bem-estar social das mulheres rendeiras, diminuindo a desigualdade social e possibilitando estabilidade econômica capaz de incentivar as novas gerações a aprenderem a arte da renda de bilros.

Referências

BASTOS, José Messias. Urbanização, comércio e pequena produção mercantil pesqueira na ilha de Santa Catarina. In: SANTOS, Maurício Aurélio dos (Org.) **Ensaio sobre Santa Catarina. Florianópolis: Letras Contemporâneas**, 2000.

BECK, Anamaria. **Um trabalhinho atoa: a produção e a comercialização da renda de bilro e suas implicações para a economia familiar**. Águas de São Pedro, 1983. 25 p. Relatório de Pesquisa CAPES.

BECKER, Howard S.. **Métodos de pesquisa em ciências sociais**. São Paulo: Hucitec, 3. ed. 1997.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior. Secretaria do Desenvolvimento da Produção. **Instrumentos de apoio ao setor produtivo: onde buscar apoio para o seu negócio**. Brasília, MDIC, SDP, 2004.

CARUSO, Mariléia M. Leal.; CARUSO, Raimundo C. **Índios, baleeiros e imigrantes: uma aventura histórica**. Tubarão: Editora Unisul, 2000.

FRANÇA, Cassio Luiz de (Org.). **Comércio ético e solidário**. São Paulo: Fundação Friedrich Ebert/ILDES, 2002, p. 34-57.

FERREIRA, Francisco H. G.; LEITE, Phillippe G.; LITCHFIELD, Julie A. **The rise fall of Brazilian inequality: 1981-2004**. Washington, D.C.: World Bank, 2006. Mimeographed.

A formação socioespacial de Florianópolis e a atividade artesanal da renda de bilros
José Messias Bastos, Edson de Moraes Machado, Karine Domingos

GASPARINI, Leonardo. **Different lives: inequality in Latin America the Caribbean, inequality the state in Latin America the Caribbean. World Bank LAC Flagship Report 2003.** Washington, D.C.: World Bank, 2003. Mimeographed.

MAMIGONIAN, Armen. As conquistas marítimas portuguesas e a incorporação do litoral de Santa Catarina. In: ANDRADE, Manuel C. et al. (Org.). **O Mundo que o português criou: Brasil século XVI.** Recife: CNPq: FJN, 1997.

MAMIGONIAN, Armen (Org.). **Santa Catarina: estudos de geografia econômica.** Florianópolis: GCN/CFH/UFSC, 2011, p. 13-30.

NERI, Marcelo. **Desigualdade, estabilidade e bem-estar social.** Brasília: Ipea, 2006. Capítulo 3. Disponível em: < http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/livros/Cap_03_DesigualdadeEstabilidade.pdf> . Acesso em: 24 abr.2015.

NERI, Marcelo. **Miséria, desigualdade e estabilidade: O segundo Real.** Rio de Janeiro: FGV, 2006. Disponível em: <http://www.fgv.br/cps>. Acesso em: 27 abr. 2015.

PEREIRA, Raquel Maria Fontes do Amaral. Santa Catarina no contexto da formação-sócio espacial do Brasil Meridional: do período colonial ao início do século XX. In: MAMIGONIAN, Armen (Org). **Santa Catarina: Estudos de geografia econômica e social.** Florianópolis: GCN/CFH/UFSC, 2011. p. 13.

Recebido em: 12/12/2017
Aprovado em: 19/09/2018

Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC
Centro de Ciências Humanas e da Educação - FAED

Revista PerCursos
Volume 19 - Número 41 - Ano 2018
revistapercursos@gmail.com